

OS IMIGRANTES E O SONHO DE UMA NOVA TERRA

Daiane Antunes Dias©

"Ele sem Sofia. Ela sem o seu velho ódio. Os dois em solidão."

(GUIMARÃES, p.225)

RESUMO[©]

O Rio Grande do Sul pode ser considerado como um dos estados brasileiros que mais recebeu imigrantes europeus. Italianos, açorianos, judeus e alemães chegaram à "Nova Terra" repletos de sonhos e auxiliaram nesta mistura de raças e culturas. Josué Guimarães, escritor gaúcho, dedicou-se a escrever sobre a imigração de ascendência germânica e, na *Trilogia Inacabada- A Ferro e Fogo*, exteriorizou o quanto esses europeus foram ludibriados. Partindo da narrativa em torno desses desbravadores, pretende-se, através do discurso, fazer uma leitura sociocrítica de *Tempo de Solidão*, abordando as promessas e a realidade dos alemães, uma vez que a obra gira em torno dos primeiros imigrantes que aqui chegaram.

PALAVRAS-CHAVE: imigrante, cultura, sociocrítica

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os primeiros imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, ludibriados pelas promessas feitas em relação a terras longínquas, vislumbraram-se com a dimensão de campo próprio para o plantio, pois, como já escrevera Caminha ao rei de Portugal,

*"...a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados como de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem."*¹

Acreditaram, então, ter achado a vida tão desejada, mas, em contrapartida,

defrontaram-se com a solidão de uma terra brava e passaram a conviver com crueldades num tempo em que índios, castelhanos, portugueses e soldados ainda lutavam para demarcar as fronteiras nacionais.

São os imigrantes alemães vivendo suas misérias e desencantos, suas conquistas, seus momentos de ternura e saudade, seu trabalho de sol a sol, suas desavenças, rancores e ódios. É o desespero de famílias alemãs jogadas, de uma hora para outra, em terras distantes, atraídas por promessas e garantias fugazes, conquistando, a ferro e fogo, um futuro o qual sobrevieram lutas e privações. A questão da realidade x utopia do imigrante alemão é fortemente trabalhada em *Tempo de Solidão*ⁱⁱ, pois a obra gira em torno dos primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande atraídos por promessas exuberantes.

1 O autor e sua obra

Em 1972, Josué Guimarães publica seu romance *A Ferro e Fogo - Tempo de Solidão*. É o primeiro de uma trilogia inacabada a qual pretendia mostrar o arruinamento das utopias de um povo em busca de um lugar para viver dignamente. Homem do mundo, Guimarães dedica-se ao tema da colonização de ascendência germânica, preocupando-se com os primeiros anos dos colonos alemães em terras gaúchas. Suas narrativas são marcadas por temática recorrente da dor, destruição e morte. Embora seus romances apresentem uma trama de aparência simples e linear, é com enorme dinamismo que cria universos ficcionais incomuns, retratando aspectos de sua terra e de seu Estado sob uma ótica toda especial. Apresenta homens e mulheres que

pesquisou, descobriu e reinventou, os quais, situando-os num determinado momento histórico, destaca, alcançando, muitas vezes, o mágico e o humor.

Cidadão do mundo, esse escritor, nascido na cidade de São Jerônimo, interior do Rio Grande do Sul, em 7 de janeiro de 1921, declara que

“Escrever é comunicar-se. Faço isso desde os 19 anos de idade, embora como jornalista, batendo milhares de palavras por dia. Agora, o que se escreve em jornal é como folha de outono, o vento carrega. Largando o jornalismo (...) comecei a encontrar hora para botar no papel aquilo que sempre quis fazer: ficção.”ⁱⁱⁱ

A trilogia inacabada *A Ferro e Fogo* que pretendia tratar, em sua última parte, do fenômeno Mucker, nas colônias alemãs de São Leopoldo, teve como título, nos primeiros planejamentos, *Brava Gente*, sendo, até mesmo, esboçada uma capa para a edição pelo próprio autor. Outros nomes, porém, foram cogitados, como *O Círculo de Fogo*, *Terra Brava* (ou *Brava Terra*), *Os donos da terra*, e *O sal da terra*. Tais planejamentos podem revelar muito sobre as tendências que envolveram Josué Guimarães em seu processo criativo, quando pretendeu exteriorizar as tristezas e desencantos de um povo que atravessou o Atlântico em busca de uma vida mais digna.

Tempo de Solidão é dividido em dezesseis capítulos entrecortados por subcapítulos e narrado em terceira pessoa, sendo o narrador onisciente intruso. Os fatos narrados, na obra de Josué Guimarães, possuem, ao contrário da de outros autores, correspondente histórico-real e as personagens são passíveis de reconhecimento como é o caso do major Schaeffer e do Dr. Hillebrand.

2 A Quimera

Todo o imigrante sonha com uma terra melhor para viver e a América Latina, com seus imensos recursos naturais, sempre prometeu aos imigrantes europeus uma excelente oportunidade de trabalho e um novo lar.

Conforme afirma Rouanet^{iv}, a Europa, desde a época dos chamados “grandes descobrimentos”, não mais abandonou a sua tarefa de explorar terras. O Novo Mundo despertou interesse dos europeus muito cedo,

passando a ser a meta privilegiada das atividades de comércio, e também de rapina, empreendidas por indivíduos de inúmeras nações européias as quais o procuravam na esperança de nele encontrar recursos exóticos que favorecessem o seu comércio e aumentassem a proporção da influência sobre o mercado europeu.

Ainda de acordo com Rouanet^v, a América foi, por três séculos, visitada de forma assistemática, embora constante, por frotas oficiais que seguiam rumo ao Oriente e por alguns navegadores. A frequência de viagens clandestinas e a falta de informações mais precisas sobre as novas terras instigaram a curiosidade dos europeus. “Havia o desconhecido exaltando as imaginações...” (MOTA FILHO, C.:1926, 97).

Villegaignon declara com relação ao Brasil:

“O dito país é um belo e grande país, [...], com bom ar, bem temperado, onde jamais faz frio, ou pelo menos muito pouco...” (s.d. ; apud Denis, F. : BSG., Mss. 2269, f.63).

Ao longo dos séculos, foi sendo construída uma representação do Continente Americano, que era basicamente uma transposição para uma terra misteriosa, de todas as ficções e fantasias que povoam o imaginário europeu, ainda repleto das configurações medievais. O clima da América era paradisíaco e os homens que ali viviam deveriam constituir uma sociedade edênica. Afonso Arinos, em seu livro *O Índio brasileiro e a Revolução Francesa*, afirma que “o clima tropical fazia com que essas [tribos da América meridional] levassem uma vida que muito se aproximava daquela que os filósofos achavam própria do estado de natureza” (1935,145). E, juntamente com esta visão de um paraíso climático, está ainda a imagem do ELDORADO, forjado através dos anos pelas descrições das riquezas do Novo Mundo. Enfim, vários foram os elementos existentes que contribuíram para fazer da América a ilustração por excelência da utopia setecentista da sociedade feliz, pois o “gigante dos trópicos” era considerado “exótico” pelos europeus e isso atraía e encantava.

O ano de 1824 marca o início da colonização alemã no Rio Grande do Sul, com a chegada e instalação de oito imigrantes às

terras da Real Feitoria do Linho Cânhamo, posteriormente denominada São Leopoldo. A preferência por alemães e italianos se justifica pelo estado de guerra em que se encontrava, como afirma Dacanal^{vi}, Portugal com relação àqueles países, como também pela capacidade que se julgava possuírem, para trabalhos agrícolas, esses imigrantes.

A incumbência de recrutar contingentes de agricultores para as colônias do Rio Grande do Sul coube ao major Jorge Antônio Schaeffer, que trouxe, em 1824, o primeiro grupo de alemães para São Leopoldo. Amparado sob o nome de “colonização”, Schaeffer recrutava soldados para formar os batalhões estrangeiros contratados desde 1823 pelo I Império. Dacanal acrescenta que essa tarefa era de caráter secreto e encoberta pela promessa de trazer agricultores para colonizar o Brasil e, no intuito de trazer mais colonos, Schaeffer acenava-lhes com uma série de vantagens, que haviam sido oferecidas aos colonos de Nova Friburgo. Entre algumas promessas, ressaltam-se a do imigrante receber passagem paga à custa do Governo Imperial; concessão gratuita de um lote de terra de 400 braças, em quadro, ou 160.000 de superfície; subsídio diário de um franco ou 160 réis a cada colono no primeiro ano, a metade no segundo e, ainda, caberia a cada família, na proporção do número de pessoas, certa quantidade de bois e cavalos.

Segundo Dacanal^{vii}, juntavam-se a essas algumas disposições que se contrapunham aos preceitos da Constituição do país, e que não poderiam, portanto, ser efetivadas. No intuito de convencer esse povo que atravessou o Atlântico em busca de melhores condições de vida, eram oferecidas por Schaeffer:

1. concessão imediata da qualidade de cidadão brasileiro;
2. inteira liberdade de culto;
3. isenção por 10 anos do pagamento de impostos.

Muito cedo, os colonos descobriram que isso não passava de promessas.

“Então o major explicou que os colonos estavam se matando nos lotes por causa da falta de demarcações, muitos passavam fome e havia quatro

anos que nada recebiam do que lhes era devido. O tenente-coronel ficou vermelho, deu um soco na mesa e gritou: nossa entrevista terminou, retire-se.” (GUIMARÃES, p. 194 e 195)

Nesse trecho de *Tempo de Solidão*, é visível a autoridade do militar brasileiro, tenente-coronel, sobre o militar e procurador dos colonos alemães. E, ainda, a questão da promessa não cumprida pelo governo brasileiro ocasionando, assim, conflitos e tristezas para os colonos.

Cabe lembrar que, conforme Dacanal explica em seu texto, mesmo os primeiros colonos que aqui chegaram não receberam todo o prometido pelo governo brasileiro. Esses imigrantes deixaram sua pátria movidos por um sonho, pelo desejo de terras devolutas e receberam, em troca disso, solidão, guerra e angústia.

No discurso a seguir, pode-se observar a inquietação de soldados alemães quanto às condições quase que sobre-humanas de seu povo.

“[...] Pois cá estamos nós, os soldados do império nos seus quartéis, recebendo o soldo com regularidade, os oficiais esperando que o tempo passe para serem promovidos, e a nossa gente, nas picadas e linhas, a nossa gente como animais, comendo o que conseguem arrancar da terra, vestindo trapos, vendo os filhos morrerem de doença ou roubados pelos bugres.” (GUIMARÃES, p. 195)

Com o término da guerra civil e com o restabelecimento da ordem, já em 1844, entram, em São Leopoldo, os primeiros imigrantes depois do encerramento da fase inicial de colonização. A situação de desorganização em que se encontrava a administração pública da Província era acentuada e os imigrantes entrados em 1846, não podendo contar com outras terras a não ser as que estavam situadas na serra, em pleno sertão- e onde as picadas não estavam abertas, nem medidas as terras, ficavam entregues à própria sorte.

No fragmento abaixo, retirado de *Tempo de Solidão*, pode-se perceber que os próprios alemães tratavam os imigrantes como simples mercadorias. Era o poder dos mais

fortes sobrepujando os mais fracos, ou seja, o autoritarismo excedendo-se.

"[...] E como acabar com Schaeffer? [...] é só cortar as verbas para a imigração." (GUIMARÃES, p. 182)

"[...] o direito de enjoar tudo [...] até mesmo da nossa gente que veio cavar terra e se iludir de que em algum dia serão ricos e donos de seu nariz. Como os negros não sabiam lidar com a terra, encomendaram a Schaeffer que trouxesse escravos brancos. Isso alegrou o coração generoso da Imperatriz Leopoldina e de seu augusto e frágil esposo. Estou falando demais." (GUIMARÃES, p. 183)

No discurso narrativo acima, um alemão, Carlos Gründling, discute com sua esposa também alemã, Sofia Spannenberg, a questão dos imigrantes alemães que vieram, segundo ele, para ocupar o lugar dos escravos negros.

De acordo com Dacanal, em 4 de dezembro de 1851, o governo Provincial promulga a lei nº 229, na qual encontramos, entre outras, as seguintes disposições: O presidente da província mandaria medir, demarcar e arbitrar o valor das colônias, onde ainda não houvesse sido feito esse serviço. Também o presidente nomearia um ou mais agentes na Europa para que fosse, assim, promovida a exploração, sendo que os agentes receberiam uma gratificação por cada indivíduo que fizessem emigrar. Soma-se a isso o fato de que os colonos, ao chegar ao Novo Mundo, receberiam cem mil braças quadradas de terra gratuitamente.

Devido às despesas que o cumprimento dessa lei acarretava para o orçamento provincial, ela não pôde ser mantida.

"[...] –Até agora nem demarcaram as nossas terras, não deram os animais prometidos, e do subsídio só embromação aqui do imperador." (GUIMARÃES, p. 134)

No fragmento, retirado da obra *Tempo de Solidão*, é possível verificar que as promessas ficaram apenas na conversa de homens como Schaeffer que ludibriava o imigrante europeu com falsas vantagens para com o Novo Mundo.

"- O senhor talvez não saiba o motivo desta reunião.

Passou a dizer que as autoridades estavam acompanhando de perto os acontecimentos da Colônia, seus informantes mais ilustres e de confiança mandavam notícias a respeito de vários focos rebeldes no interior, [...]"

"[...] sabendo de alguma coisa, propriamente, não. Ouço rumores, apenas. A questão da falta de pagamento dos subsídios, a alta taxação sobre artigos exportáveis, a falta de demarcação das terras. Claro, há gente descontente." (GUIMARÃES, p. 199)

Nesse trecho, mais uma vez é tratada a questão das promessas não cumpridas. São homens querendo apenas o prometido, nada mais do que o cumprimento das promessas feitas "além mar", em terras alemãs. Mas por não ter o governo brasileiro cumprido com suas responsabilidades, esse povo era acusado de conspiração e viviam oprimidos em represálias.

Não bastando tanto sofrimento vivido pelos imigrantes ao se depararem com uma realidade cruel, no início da colonização de São Leopoldo, a participação desse povo, na política, era visivelmente inexistente. Já no país de origem, eles não participavam da vida política, pois, nessa época, o exercício de tais atividades era reservado às classes mais elevadas.

Com exceção do Dr. Hillebrand, que foi o primeiro líder dos imigrantes em São Leopoldo, ocupando cargo político-administrativo, o comportamento desses colonos se caracterizava por ser, politicamente, muito pouco participativo. Enfim, para os colonos a diferença era quase que somente geográfica, pois, tanto na "terra natal" quanto no Brasil, suas vidas eram limitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Tempo de Solidão*, encontram-se dados de caráter histórico-ficcional, de relevância social, cujo objetivo é denunciar uma sociedade que, por seu desajustamento, sua corrupção e falta de planejamento governamental, levava à falência do indivíduo.

Os imigrantes, repletos de sonhos, imaginavam encontrar, no “Gigante dos Trópicos”, uma terra digna para viver, mas, como se pôde observar através da obra de Guimarães, a realidade enfrentada por eles destruiu as utopias. Além de não receberem o prometido, ainda foram acusados de conspiração, traídos pelos próprios compatriotas e, muitos deles, assassinados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1996.

DACANAL, José Hildebrando. **RS-Imigração e colonização**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

DIÉGUES Jr. M. **Imigração, urbanização, industrialização**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964, vol. 5.

GUIMARÃES, Josué. **A Ferro e Fogo I: Tempo de Solidão**. 12 ed. Porto Alegre: L&PM, 2000.

PRATA, Olinda Maria Rodrigues (tradutora) & PEREIRA, Maria Ermantina Galvão G. **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**. São Paulo: Siciliano, 1991.

NOTA

² Acadêmica do 8º semestre de graduação do Curso de Letras da UFSM – Laboratórios LALISE e CORPUS - orientadora Profª. Drª. Ceres Helena Ziegler Bevilaqua.

³ CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM., 1996.

⁴ GUIMARÃES, Josué. **A Ferro e Fogo I: Tempo de Solidão**. 12ª ed., Porto Alegre: L&PM, 2000.

⁵ GUIMARÃES, Josué. Entrevista. In: **Josué Guimarães**. Porto Alegre: IEL, 1988. P. 7 Autores Gaúchos, vol. 15.

⁶ ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**. São Paulo: Siciliano, 1991.

⁷ Idem, *Ibidem*.

⁸ DACANAL, José Hildebrando. **RS- Imigração e colonização**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

⁹ Idem, *Ibidem*.